

A VELHA GUARDA

ÓRGÃO LOCAL DO PARTIDO REPUBLICANO PORTUGUÊS

Editor:

Propriedade da Empresa de A VELHA GUARDA

Director:

ALCINDO DIAS PEREIRA

VITORINO SIMÕES LOPES SAMPAIO

Redacção e Administração: Rua 31 de Janeiro, 165—Composto e impresso na Tipografia MINERVA VIMARANENSE: Rua 31 de Janeiro — GUIMARÃES

Empréstimo externo Não está certo Questão de tempêros

Malograram-se as negociações do empréstimo externo que o Governo da ditadura pretendia realizar por intermédio da Sociedade das Nações.

Depois de mais um grande dispêndio feito com a vinda dos peritos a Portugal, depois de tanta promessa e tão solenes afirmações da sua realização, que vinha permitir uma vida desafogada à ditadura, eis que tôdas as esperanças se evolvam e a triste realidade surge.

Não nos alegra o insucesso do Governo, nem para nós é motivo de gáudio o malogro de um empréstimo que ouvíamos dizer destinado ao fomento nacional, aliás bem necessário.

Não pretendemos discutir os motivos que levaram a Sociedade das Nações a só concordar com a realização do empréstimo estabelecendo o seu *contrôle*. São segredos de gabinete que não é dado a nós, profanos, conhecer.

E' porém profundamente lamentável que individualidades estrangeiras tenham vindo ao nosso País, examinar a nossa administração pública, pesquisar em todos os serviços, esquadrihar nas contas do Estado, para depois pretenderem impôr-nos condições vexatórias que nenhum português poderia permitir que fôsem aceites.

O delegado do Governo que foi a Genebra, ao que parece com a certeza de trazer de lá os doze milhões de libras pedidas, teve de levantar a sua frente, como bom português que é, e dizer que Portugal não quer o protectorado da Sociedade das Nações.

Cumpriu sua excelência o seu dever de patriota e nem outra coisa poderia esperar-se de quem quer que fôsse desempenhar a mesma missão.

Portugal é uma nação livre. Portugal é uma grande potência colonial. Portugal tem os necessários recursos e a precisa energia e competência para se administrar sem a tutela de ninguém. Portugal é berço de heróis que teem sabido através de tudo dignificar a sua Pátria. Portugal é dos portugueses em cujas veias corre o sangue dos gloriosos antepassados, que não consentiriam na afronta de uma fiscalização estrangeira. Na nossa querida Pátria não poderiam viver hoje Miguéis de Vasconcelos: só nela teem vida os portugueses de verdadeira fé, que saberão sempre lutar pela independência de Portugal.

Por isso o Sr. Ivens Ferraz podia desassombadamente, altivamente responder à Sociedade das Nações que Portugal não se vende por doze milhões de libras, porque no seu País, cinco milhões de portugueses lhe diziam — Portugal não vende a sua independência, Portugal não aceita tutelas, enquanto nos restar um sôpro de vida.

Bem nos queria parecer...

«O Conquistador» das... almas, perdão, «O Conquistador», embora se tenha rotulado de jornal literário, noticioso e de formação social, terçando armas por Deus, pela Pátria, por Guimarães, pela Igreja, pela Família e pela Paz Social, vem-se desmascarando aos poucos e mostra-se tal e qual como devia ter pôsto no chamadouro: reacçãoário.

Os seus editoriais dos n.ºs 5 e 6 são nem mais nem menos a prova

evidente deste nosso reparo, e ninguém nos convencerá do contrário.

Referindo-se ao empréstimo e ao protesto dos imigrados políticos, apelida aquele de patriótico e classifica de crime de lesa-Pátria o gesto tomado pela Liga de Defesa da República.

Ainda bem que se desmascarou a tempo.

Até lá, o nosso desejo de longa vida e os nossos votos pela conquista das almas... tresmalhadas.

Au revoir...

Após uns dias de ventania e chuva que nos fustigou acervamente, rompeu o dia quatro com uma temperatura amena e aprazível, deixando as poucas nuvens que por vezes toldavam os astros, raiar o sol que tanto nos acalenta.

Aproveitando os poucos momentos que as minhas occupaões me deixam, estendi um pouco mais o meu passeio, aspirando a plenos pulmões o ar tonificante dos montes, admirando a natureza que principia a rejuvenescer cobrindo-se de galas.

Encantado pelos suaves gorjeios das avezinhas, ia pensando comigo mesmo, quanto é agradável e bela a convivencia com a natureza, longe da mentira e vaidades dos grandes centros, longe da cidade.

Um estralejar rapido de alguns foguetes acorda-me da doce fantasia em que me deixava caminhar.

Os sons maviosos da Portuguesa, que distintamente ouvia, enebriaram-me o espirito bem republicano, que dentro em mim mais se arreiga, quanto mais pela Republica tenho sofrido.

E então, sabendo que aqueles que mais amam a República, estavam uns escondidos e homisados outros em terras estrangeiras e aqueles poucos que por cá se vão conservando, vigiados pelos apaniguados da situação actual, como maus republicanos e maus patriotas, não podiam ou não queriam expôr-se aos olhares perfidos d'aqueles que, dizendo-se republicanos, se julgam senhores de tudo isto, e portanto não fariam parte de manifestações, que fossem de encontro áquele ideal, que conservam sublime e puro no mais recondito de suas almas, fiquei perplexo ao ouvir os sons da Portuguesa, que tanto nos fazem vibrar as cordas mais sentidas do peito e gritar: *Viva a Republica!*

Soubes depois que o Governador do Districto viera a Guimarães propagandear a União Nacional Republicana.

Não é republicano quem quer, nem aquele que se diz republicano, mas só é republicano aquele que acima de tudo ama e se sacrifica pela Republica.

Os acordãos da Portuguesa, que aos republicanos enebriam a alma, os entusiasman, são outros tantos punhalados nos ouvidos dos monarchicos.

Sem calor, sem vida, não há entusiasmo.

N.

Democrata consciênte, nada há que tanto respeito me mereça como a crença do meu semelhante, quando sincera e sem alardes. Um hino a Deus saído da bôca de uma criança enternece-me, como ao sol pôsto ou ao romper da manhã me enternecem as aléluias melodiosas do pequenino rouxinol. São cânticos de esperança, hossanas à beleza, a brotar da fonte pura da inocência e a voar para o alem, para o seio daquele que fez o sol creator e lançou à terra a semente do Bem. Uma cruz tôsca e musgosa a abrir os braços negros no cimo de cêrro agreste, ou na curva traçoira de caminho deserto, comove-me e faz com que ante a minha alma reviva e se amplie o quadro hediondo e sublime do sacrificio do Sócrates da Galileia. Mas as crianças já não cantam hinos a Deus, que lhos não sabem ensinar as mães e a cruz já não simboliza o anor do próximo, e espirito de sacrificio. O sectarismo tudo perverteu e no silêncio dos bosques na quietude dos templos Jehovah rumina vinganças, da espada com que destruiu os filisteus fazendo o raio com que há-de subverter mundos e pátrias, corpos e almas.

Dies irae...! Ai de vós, ai do que não trema e da vida não faça sepulcro de todos os anseios e de todas as alegrias! Ai de vós, ai do que não encerra a razão na estreiteza vexatória do dogma e não amortalhe o espirito nos crépes bafientos da "verdade revelada". Dies irae! E a terra será jaula de almas, que deambularão como fantasmas em busca do paraizo perdido!

A tolerância é uma virtude. Estou em dizer que ela é virtude capital, a cada credo dando o seu logar, a toda a actividade dando seu rumo próprio. Bondosa, a tolerância é a melhor policia do pensamento, coitando atropelos

sem casse-tête e impondo a harmonia e o respeito sem gatos de nove rabos. E, segundo diz a História, as sociedades mais progressivas são as mais tolerantes. Haja em vista... Mas, vamos à prata da casa. Está na moda e não dá tanto trabalho a procurar. Transcrevemos para lhe não tirar o sabor; e, de comentários, só chamaremos a atenção do leitor, supondo que o temos, para o facto de estarmos na Europa e em pleno século XX.

«As senhoras devotas aparecem agora nos hospitais sobrando livros seráficos que deixam aos doentes que ali se encontram — e que bem o podem ser não sómente do corpo. Desapareça este, mas salve-se a alma. Perfeitamente! O que não é caritativo, nem cristão, é chegar, porém, à beira dum desgraçado, que no meio do seu infurtanio tem ainda, para adoçá-lo, a ilusão de que avista a cura, e dizer-lhe:

— Estás com os pés para a cova! A morte não tarda aí! Chame um padre, irmãozinho! Chame os seus pecados! Trate de salvar a sua alma!

Isto, que não é caritativo, nem cristão, porque é mesmo refinadamente cruel, não o inventamos. Passou-se o outro dia, na enfermaria Sousa Martins, do Hospital de S. José, dando motivo a um incidente com o enfermeiro Sousa, que, intervindo, e como quer que o enfermo em questão tivesse declarado não desejar confessar-se, intimou a senhora beata a retirar-se da enfermaria, o que ela fez, não sem proferir ameaças contra esse funcionário».

A ***

Este número foi visado pela Comissão de Censura

Enlace

Consoinou-se no passado dia 10, o nosso paticular amigo sr. Albano Martins de Vasconcelos e Castro, capitalista da freguesia de Moreira de Conegos, com a ex.^{ma} senhora D. Maria Olinda Salgado Alves, filha do nosso saudoso amigo Francisco Alves e sobrinha do nosso prestimoso correliogonário sr. Manuel Francisco Alves, tambem da freguesia de Moreira de Conegos.

Aos noivos, dotados das mais belas qualidades de caracter, deseja

«A Velha Guarda» uma infinda lua de mel e um futuro de muitas felicidades

Operação

Foi há dias sujeito a uma melindrosa operação, no hospital da Misericórdia de Guimarães, que decorreu com bom exito, o considerado negociante desta praça, sr. João Baptista de Sousa.

Desejamos-lhe pronto restabelecimento.

Resposta à letra

O bem redigido diário da tarde «O Povo», de Lisboa publica em seu número 10 um editorial subordinado à epígrafe «Falando português» que, por julgarmos a melhor resposta dada às diatribes da imprensa monárquica, merece a transcrição d'alguns dos seus períodos já porque se fala muito na chegada do momento dos grandes sacrifícios já porque combate a vergonhosa propaganda de ódio feita aos partidos republicanos.

Sintetizando plenamente o pensamento de todos os republicanos que se orgulham de defender os princípios da Honra, do Direito e da Justiça, mostrando a imbecilidade dos defensores das causas duvidosas e apontando ao Governo o caminho a seguir para com o *Cambão*, esse artigo deve ser lido por todos os que não desejem cangas e também por aqueles que, ainda são os escravos do século vinte, visto encerrar a mais bela doutrina que nem todas as rochas tem a coragem de calar. A maior expansão que se lhe dê, na verdade impõe-se como um dever.

Obedecemos, pois.

«Os sucessos de Genebra não se transformam com vivas ou morras, pois estas formas de actividade, em regra, apenas produzem rouquidões. Julgo também que os problemas derivados da atitude da Sociedade das Nações se não resolvem com recriminações e ameaças, nem com insultos aos homens e aos partidos.

Já temos em Portugal farta sementeira de ódios (não me parece que o seu aumento fomente a riqueza nacional) e contudo muita gente se obstina neste triste género de cultura.

Acredito na sinceridade dos plumitivos que a cada momento nos enlevam com a apologia da Pátria, da Raça e da Dignidade Nacional; mas também creio que por elementar respeito humano eles deviam, quando tratam tais assuntos, elevar a sensibilidade em termos de escrever com a pena limpa.

Assim é que está certo.

Nem se justifica a tarefa dos prelos e o consumo da paciência dos leitores para o sistemático fornecimento de elogios parvinhos ou epilepticos rancores. Perante situações de facto tão melindrosas como a presente, todos os homens dignos do seu nome que estão em posição de esclarecer a opinião pública, teem o dever de orientá-la, e falham vergonhosamente quando por insuficiência moral ou mental a envenenam com tontices ou acintes.

E mal de nós todos se o País se convencesse de que o nosso futuro está tão dependente das decisões de Genebra que haveremos de desesperar, no histerismo e no berreiro, porque Genebra nos não emprestou dinheiro. Uma Nação que tem doze milhões de braços não se afunda porque lhe negam doze milhões de libras.

No meu fraco entender a única coisa que se perdeu em Genebra foi o tempo; e mesmo esse mal, pode vir por bem se alguém quizer aproveitar com a lição facilíssima de compreender, e que bem se pode reunir prafraseando um conhecido rifão popular:

Cada Nação trata de si, e a Sociedade das Nações de todas...

Estamos muitíssimo longe da miséria, pois que á falta de ouro dos outros, temos a prata da casa.

E que prata!

Vou folheando ao acaso, livros de economistas portugueses que apreciaram a riqueza, o capital, da Metrópole. Tomé de Barros

Queiroz, em 1912, avaliava-o em 3.500.000 contos ouro; o sr. Anselmo de Andrade computava-o modestamente em 2.500.000 contos no seu livro «Portugal Economico», publicado em 1918; mais optimista, em 1922 dizia José Barboza que ele excedia 4.500.000 contos; mas com extremo pessimismo os snrs. Quirino de Jesus e Ezequiel de Campos calculam em 1923, que esse capital deve estar reduzido a 1.600.000 contos ouro.

Seja qual fór a cifra em que nos fixemos — e todas teem aspectos de justificação na obscuridade estatística em que vivemos — temos de reconhecer que a fortuna nacional é formidavelmente superior aos 45.000-ouro que se pediram emprestados á Sociedade das Nações.

Eu bem sei, como toda a gente, que a hora em Portugal não está para tributos. As massas populares não teem o indispensável, os grandes proprietários e produtores não teem o indispensável, os produtores vivem em crise de rendimento.

Na actual agonia económica os impostos não podem ser aumentados sob pena de tombar na miséria o País. Mas o capital português mantém-se tal como existia, e é de capital que o Estado necessita. O Estado alemão também careceu de capitais após a guerra, e chamou-os imediatamente á garantia dos «renten-mak».

São tantos a dizer em Portugal que chegou o momento dos grandes sacrifícios; evidentemente hão-de ser muitos os que haverão de aceitá-los. De resto não são precisos sacrifícios enormes e bastará que cada um dos proprietários portugueses entregue ao Estado, por hipoteca ou resgate de valor ouro, uma pequena parte do que possui para que a almejada salvação nacional seja um facto. E os conservadores portugueses têm agora no Poder o Exército, cujo advento reclamaram. Que argumento lhes pode ficar para eximir ao cumprimento do dever?

Nenhum.

Não se pode pensar que haja de ser o trabalho português que suporte o esforço total de restauração. Todos sabem que vivemos em crise de desemprego e de consumo. Aumentar o esforço dos trabalhadores, diminuir-lhes o salário, é aumentar o desemprego e diminuir o consumo, que é como quem diz, em qualquer dos casos, agravar as nossas mazelas.

Edital

A Comissão Administradora dos Bens Culturais no concelho de Guimarães:

Faz saber que, no dia 24 do corrente às dez e meia horas, no edificio do Tribunal Judicial desta comarca, é posto em praça, para arrendamento, o passal da freguesia de Lordelo, deste concelho, (excluindo a casa de residencia e quintais) sob a base de licitação de 300\$00. (Trescentos escudos).

Guimarães, 15 de Março de 1928.

O Presidente,

João de Faria e Sousa Abreu.

As virtudes cívicas se não tiverem a sua origem e a sua consagração nas virtudes domésticas e privadas, não serão mais do que virtudes de teatro. Aquelle que não tiver ternura para seu filho, não pode ter pretensões a possuir um verdadeiro amor pela humanidade.

JULES SIMON.

Reflexões

de um mal humorado

Haveria de ser muito interessante o estudo que alguém fizesse, estabelecendo matematicamente a relação que existe entre as pseudo-convicções de certos individuos e os seus interesses materiais. Ruiria, por certo, a reputação de muito dedicado, de muito patriota inconcusso, de muita honestidade encartada...

*

O conselheiro Acácio ressuscitou. Morreu há muito o Eça, o homem que em claro estilo, em prosa brilhante, lhe narrou a vida gloriosa e lhe fez o necrológico sentido. Não terá, agora, o bom do conselheiro, quem tão elegantemente divulgue os ditos espirituosos, as facécias hilariantes, as concepções grandiosas os pensamentos profundos. Paciência...

Contentêmo-nos com saber, porque isso já veio nos jornais, que o cidadão illustre ande desta feita empenhado em definitivamente resolver um problema até hoje considerado insolúvel.

—Qual?...

—O do inquilinato, Senhores!...

*

A politica portuguesa oferece, por vezes, aspectos interessantissimos. Porque somos um povo com excesso de pessoas inteligentes, como há pouco afirmava alguém altamente colocado na governação pública, e porque temos a mania doentia de ver as coisas através dos mais prejudiciais preconceitos, acontece, sempre que se opera alguma profunda transformação nos elencos ministeriaes, que todos ficamos á espera de ver nos jornais ou de ouvir rosnar pelos cafés e praças o relato dos grandes e horriveis crimes, das extraordinarias falcaturas, dos subornos e da concepção dos outros. Estes outros são os antecessores, os imediatamente anteriores aos que, no momento, ficam sustentando as rédeas.

A esta fúria portuguesissima de querer descobrir em tudo o escandalo, em todos os homens pessoas capazes de irremediaveis malefícios, junta-se a ancia irreprimível, portuguesissima também, de, bem ou mal, criteriosa ou sensatamente, *deitar abaixo* o que os outros fizeram.

Quando deixatemos de ser assim?

Sábe-se lá...

*

Juro á fé de quem sou que me sinto absolutamente incapaz de tomar conta dum cargo para o qual não me julgue preparado. Ninguém poderia levar-me, por muito que me dissesse, por muito que forcejasse para convencer-me, a aceitar um lugar onde nunca poderia ser uma actividade util.

Não pensam assim os que, praticando contrariamente, se desculpam com imposições ou com deveres mal compreendidos.

*

Calar é, em certas circunstâncias, um dever; em muitas é heroísmo.

Ter de estar calado é coisa superior ás forças humanas.

Tenente Artur Dantas

Vimos há dias nesta cidade, dando-nos a honra dos seus cumprimentos, este nosso presado conterraneo, antigo chefe da Banda do saudoso 20 de Guimarães e presentemente em igual cargo em Infantaria n.º 3 (Viana do Castelo).

Aproveitando a prosa deles...

Então os senhores, que estão aberta e declaradamente contra a República, que *mandam telegramas* de saudação aos homens que estão ao lado dum regimen que, completamente *apodrecido*, sem remédio para os seus erros e escândalos, desapareceu na gloriosa data de 5 de Outubro de 1910, já sentiram que alguém lhes pedisse contas dos seus actos, pois que no número dos felicitantes há funcionários públicos que têm o dever e a obrigação de acatar e servir lialmente a República?!

Os senhores, são, afinal, uns felizardos que vão comendo á mesa do orçamento — mesmo que a comida cheire a República; jogam com um pau de muitos bicos e ninguém lhes pede contas!!! Os senhores, que vinham fazendo a ruína desta Pátria, que estavam desacreditados e que todos os dias se desacreditavam pelas próprias mãos, que foram a desgraça de muito lar e de muita família, só tem um caminho recente a seguir: recolherem-se á privada e, dêsse lugar, pedirem perdão, como vencidos, de todos os seus pecados e penitenciarão-se. — Quem leu o n.º 504 do «Ecos de Guimarães», — de 10 do corrente, lá encontrou esta prosa que, com uma pequena alteração, mesmo um quasi nada, ela aqui está, aproveitada por nós, a dizer quem são e como são os apaixonados e defensores da causa morta. Eles, coitados, quizeram fazer como certa mulher, uma pretenciosa conselheira: «Olha, chama-lhe... antes que ela tu chame».

Não queremos, porém, conforme o exige a nossa educação e correcção, que todos os monárquicos se considerem atingidos com o pouco que acrescentamos á doutrina dos seus correligionários; alguns há, que nos merecem consideração e respeito. Nós combatemos apenas a doutrina falsa dos maus monárquicos, especialmente daqueles que se aproveitam de certas situações para prepararem, com mais facilidade, o caminho da traição. Estes, que são os verdadeiros traidores da República, também o serão da actual situação se esta não restringir as suas ambições *desenfreadas*... Como exemplo, chamamos a atenção das autoridades republicanas da ditadura militar para a *fidelidade virulenta* destes cavalheiros a Sidónio Pais, a quem prometeram lial apoio e cooperação republicana.

Os de hoje são os mesmos.

Copos de vidro aferidos

Por determinação superior, desde 1 de Abril em diante, não será permitido uzar-se nas leitarias, tabernas e outros estabelecimentos que vendam bebidas ao balcão, copos de vidro sem estarem devidamente aferidos.

Devem os estabelecimentos acima referidos possuir no balcão, em lugar bem visível, a quantidade de copos aferidos necessários para o expediente das suas vendas a copo, ficando obrigados a servir exclusivamente com aqueles copos a sua clientela.

Pescadores... de águas turvas

Os monárquicos aproveitam-se sempre de situações para se intrometerem na vida da República e mais facilmente feri-la com os seus golpes traiçoeiros.

Não descansam um só momento.

São capazes de arrancar a taboleta que os aponta como tais, haja em vista o que fez o «Ecos de Guimarães», de se rotularem de republicanos, lembremos os membros de certas juntas de freguesia, ou, ainda, de servirem de encôsto, como o monarquíssimo Dr. Rocha dos Santos, para tudo conseguirem e arranjamem.

Nada os demove em seus intentos.

Eles são órgãos de Comissões Administrativas, eles são inspiradores de actos administrativos, eles são policias de informação, eles são... o diabo!

E não se recatam no exercicio de tais funções...!

E' vê-los, descarados, pelos Paços do Concelho, a *chuchoter* ao ouvido do sr. Presidente, e, pela Administração, a fazerem chegar o «28 de Maio» á cidade e concelho...

E' ve-los, de seguida, reünidos, a conspirarem contra a actual situação e a idealisarem uma nova farça que ultrapasse a da «traulitânia» ou a de «Mon-santo»...

...E fingem-se duma ignorância absoluta, e apregõam aos quatro ventos a sua nunca quebrada lialdade!...

Les salauds!

Como se nós os acreditásemos ou como se dormíssemos!...

Há certos actos nas vidas dos individuos que nunca se apagam ou esquecem, nem mesmo pagando vinte e tantos contos de... milho.

Sempre os mesmos

Não se realizou o empréstimo externo, com o qual os defensores da ditadura e aqueles que dela se querem aproveitar para satisfação das suas ambições contavam em absoluto. O delegado do Governo soube repelir com altivez a afronta, e com isso todos os portugueses se regosijaram. Mas foram todos — é preciso notar-se — e não só um determinado grupo, como parece depreender-se de manifestações de entusiasmo a que vimos assistindo. De resto não é difícil perceber que outro caminho não havia a seguir, que attude diversa era enérgicamente repelida por todos os portugueses.

E, como de costume, lá surgiram os arautos da campanha contra os partidos constitucionais da República a acusá-los, atribuindo-lhes as culpas do malôgro do seu almejado empréstimo.

E aproveitam a oportunidade para mais uma vez os anavalharem e atirar sobre eles as iras da ditadura, como se os republicanos há quasi dois anos escorraçados violentamente do governo da Nação pudessem ter responsabilidade em actos para que não contribuíram, em soluções em que não intervieram.

Não; não é assim que se concorre para a apregoadá conjunção e harmonia da familia portuguesa.